

Mídia convergente enquanto meio e objeto de estudo

Mohammed Elhajji
ECO-UFRJ

Resumo

Enquanto meio e objeto de pesquisa, a comunicação convergente merece um status particular que lhe garante uma abordagem transdisciplinar, que abranja seus diversos aspectos estruturais, institucionais e organizacionais, e reconheça sua qualidade auto-reflexiva capaz de fazer dela uma instância de produção de sentido fiel ao contexto sociocognitivo que a subtende.

Palavras-chave: Comunicação. Convergência. Pesquisa. Ensino.

Convergency as medium and study object

Abstract

As both an object and a research field, convergent communication must be given a particular status to guarantee a proper transdisciplinary approach, which might consider its various structural, institutional, and organizational aspects, as well as acknowledge the reflexive character which is capable of turning it into a domain where faithful meaning is produced of the social and cognitive context in which is subsumed.

Key-words: Communication. Convergence. Research. Teaching.

Introdução

A problemática da adequação dos campos de pesquisa e de formação em comunicação (e nas ciências sociais em geral) à nova ecologia cognitiva, marcada pela convergência dos meios de comunicação, deve ser analisada em vários níveis; notadamente, epistemológico, metodológico, tecnológico, organizacional, semiológico e cognitivo. Pois, na verdade, não se trata apenas da substituição de um suporte físico por outro ou da otimização dos meios e métodos de armazenamento e gestão de dados, mas antes, de uma maneira inédita e revolucionária de produção de sentido, uma mudança radical em nossos modos de apreensão do fato sensível ou observável e sua *transdução* em fenômeno quantificável, inteligível e cientificamente analisável. *A fortiori*, quando se considera a natureza metalingüística da questão, já que os processos tecno-organizacionais em desenvolvimento constituem, ao mesmo tempo, um horizonte incontornável de estudo e uma lente doravante imprescindível para toda tentativa

concentrada de ampliação e de aprofundamento das técnicas de sondagem e de representação do real-atual.

Ensino e pesquisa

É necessário, antes de nada, destacar que a possibilidade, oferecida pela convergência, de combinar diversas fontes, abordagens e linguagens no mesmo suporte e/ou no mesmo hiperdocumento, obriga o pesquisador a classificar e formular suas idéias de uma maneira específica, que não pode ser nem linear nem cumulativa como é geralmente o caso nos suportes tradicionais. A informação deve ser ordenada e apresentada de modo a permitir ao usuário final acessá-la segundo um princípio modular e complementar, sob forma de unidades ao mesmo tempo autônomas e interconectáveis que possibilitem uma leitura dinâmica, “multifocal” e a entradas variáveis.

Ora, esses aspectos não-lineares e modulares parecem constituir um formato bastante satisfatório para recolher e restituir o mais adequadamente possível o tipo de informação próprio às ciências humanas e sociais; mais ainda em países com grandes diferenças regionais e culturais, interessados em preservar e desenvolver seu patrimônio multicultural e multirracial. Assim, em seu relato relativo ao uso da multimídia como suporte de pesquisa sobre os aborígenes da Austrália, Barbara Glowczewski, pesquisadora no CNRS e autora de vários livros sobre esses povos¹, não hesita em esboçar uma certa analogia entre a forma hipertextual da multimídia e a natureza rizomática e ritualística dos modos de aquisição e transmissão do conhecimento e da experiência pelos nativos da Austrália.

Uma grande parte da vida social e ritual dos aborígenes consiste em celebrar percursos, rastros, deslocamentos de heróis totêmicos e viagens ancestrais para manter a estrutura simbólica da sociedade. Percursos, rastros, deslocamentos e rituais são, justamente, marcos espaço-temporais por ela metaforicamente resgatados na estrutura hipertextual de seu CD-ROM para tentar refletir a configuração cognitiva da cultura aborígene. Sem que isso signifique que a multimídia seja um instrumento mágico capaz de dar milagrosamente conta da complexidade e não-linearidade das culturas não-ocidentais, há de reconhecer que, pelo menos, ela oferece a possibilidade de diversificar as abordagens narrativas e hermenêuticas e minimizar os riscos de imposição de um discurso hegemônico tanto etno- como crono-cêntrico.

Ao contrário do caráter linear e imutável do livro e até do filme, a plasticidade da multimídia permite a sua adaptação temporária ou parcial tanto às circunstâncias sociais e rituais da sociedade tradicional como às especificidades culturais, regionais ou

religiosas componentes da realidade contemporânea. A possibilidade de organizar a informação em várias camadas de leitura, por exemplo, torna viável o uso da multimídia nos programas locais de educação ou preservação da memória ancestral sem ter de violar tabus específicos momentâneos ou de gênero (períodos de luto ou de iniciação; conhecimento de natureza secreta reservado a categorias determinadas) ou princípios morais e religiosos próprios a segmentos determinados da sociedade. Portanto, embora o trabalho de edição realizado pelo pesquisador-autor (decupagem, titulação, etc...) acabe necessariamente interferindo na natureza do material recolhido e apresentado, a convergência na sua forma multimídia oferece possibilidades concretas, não apenas de restituir de maneira bastante fiel o mapa cognitivo das culturas e povos estudados, mas até de adotar uma postura social e subjetiva passível de se inscrever numa ética de reconhecimento conforme a lógica primal do *potlatch*.

Paralelamente, essa maleabilidade e essa flexibilidade que, como se viu, fazem da multimídia um excelente suporte para a abordagem de configurações socioculturais não-lineares, revelam-se também recursos psicotecnológicos² preciosos para se desfazer da rigidez das estruturas mentais classificatórias herdadas da racionalidade formal dos enciclopedistas. O princípio estruturante e dinâmico da convergência torna possível e prático o desenvolvimento de sistemas cognitivos maquínicos, evolutivos e interativos aptos a apreender e acionar vários níveis de nossos processos de aquisição e tratamento dos conhecimentos, gerando assim mecanismos de reflexão relacionais e dialógicos que superam os modelos lineares ou associativos e projetam uma perspectiva de construção do real ao mesmo tempo complexa e global. O que, obviamente, é de natureza a facilitar a circulação das narrativas, temporalidades e espacialidades e disponibilizar elementos de avaliação e comparação capazes de traduzir da melhor maneira possível a organização interna do objeto ou do fenômeno estudados.

Assim, a metodologia proposta por Helen Ilbert³ objetiva a composição de uma cartografia semântica que cobre toda a extensão dos agenciamentos enunciativos componentes das redes de sentido multimídia. A abordagem consiste no desenvolvimento de estratégias heurísticas de acesso ao conhecimento susceptíveis de situar a informação, não através de seu isolamento, mas antes, pela sua maior integração no conjunto de sentido complexo que a contém e pelo decalque dos fluxos discursivos que a sustentam. Neste rumo, a *approche* em questão é bastante diferente das famosas “árvores de conhecimento”, na medida em que seu objetivo não se limita a salientar relações de sentido entre um tronco e suas ramificações, mas antes de reforçar a natureza polifônica da informação e retrair o jogo de ecos que a reflete aos olhos do receptor final. Trata-se, de fato, de um método “holográfico” de representação do

objeto de conhecimento a partir das conexões virtuais que o cercam, o estruturam e organizam a dinâmica de sua herança polissêmica.

Esta totalidade da multimídia, enquanto nova configuração cognitiva da prática científica, longe de ser o fruto de um simples acaso, corresponde, na verdade, à virada histórica que marca nossa época contemporânea. Se a principal característica da civilização atual, chamada “Sociedade de Informação”, é a passagem do modo de representação analógico para o digital, a convergência dos meios de comunicação (graças a sua mobilidade, seu caráter evolutivo e sua capacidade de conciliar várias linguagens e várias autorias no mesmo suporte), constitui certamente seu quadro de reprodução por excelência. O que leva alguns autores a sugerir que o potencial interativo da multimídia possa ser um auxílio oportuno para forjar novos conceitos teóricos relativos à pesquisa científica e/ou testar a validade de outros já em uso⁴. Tanto no campo da pesquisa como no ensino, tal postura é suscetível de superar o senso comum pelo questionamento contínuo e a distinção entre o que é normalmente apresentado nos esquemas lineares de acesso à informação e o que pode constituir uma apreensão complexa do fenômeno estudado.

De fato, apesar de a multimídia também ser obra de autor (geralmente coletivo) que procede igualmente a escolhas e opções de formulação, de representação e até mesmo de conteúdo em função das limitações técnicas e discursivas inerentes a todo processo de transdução simbólica, ele oferece, com certeza, uma margem maior de reinterpretação e reelaboração que faz dele um instrumento didático e pedagógico incontornável. Sendo um espaço de interação a-hierárquico, onde a construção do conhecimento substitui a transmissão vertical pela apropriação transversal, ele contém a potencialidade quase subversiva de transformar o receptor em ator responsável pela ordem de troca a estabelecer e pela avaliação de sua própria produção, o que lhe permite apreciar o significado de suas decisões e empreender atos de transformação de seus esquemas mentais para melhorar seu desempenho.

Um exemplo eloqüente deste tipo de relação autônoma pode ser encontrado no status reflexivo da imagem no processo de convergência. A possibilidade de agir, escolhendo uma ilustração, leva o “*aprendendo*” a mobilizar seus conhecimentos iniciais e expressar suas representações num universo que reage iconograficamente⁵. Ou seja, sem subestimar seu valor polissêmico (atenuado por eventuais elementos sonoros ou textuais), a imagem acionada pelo ato consciente do “*aprendendo*” torna possível, por sua essência icônica, a conceitualização imediata e, de certo modo, concreta do fenômeno abstrato; reforçando assim a dimensão auto-reflexiva do ato de aprendizagem.

Ainda no capítulo pedagógico, há de lembrar a importância dos “Bancos de Conhecimento”⁶ (produto da convergência) na reformulação da idéia de armazenamento e tratamento da informação. Ao contrário dos tradicionais Bancos de Dados, limitados a campos de atividade fechados e claramente definidos, esses oferecem uma abordagem do conhecimento a partir de “regiões semânticas” estruturadas segundo os princípios da Complexidade. Seu poder de agregação de saberes e expertises, como seu formato organizacional plural e coletivo, fazem deles um modelo educacional bastante atraente. Por outro lado, a natureza matricial de tais dispositivos informáticos, que os dota da faculdade de geração de conhecimentos habilitados a produzir novos “*phylums* cognitivos”, convida a uma reflexão sobre os próprios conceitos de saber e conhecimento.

Porém, não se trata de corroborar a visão funcional simplista segundo qual não seria mais necessário fazer o esforço de aprender já que a informação, graças às novas tecnologias, está disponível a todo o momento e facilmente acessível. A aprendizagem, com efeito, não é de natureza quantitativa e a otimização do recurso multimidiático não pode ser separado do relacional (entre “*aprendendos*” e entre esses e os formadores e mediadores), na medida que a construção de todo projeto de formação não deva ser separada da dinâmica dialógica que in-forma (forma por dentro) nossa realidade social, histórica e filosófica. Não há dúvida, pois, que nenhuma aplicação multimídia é capaz de reproduzir os mecanismos cognitivos subjacentes aos processos de edificação do conhecimento ou do saber; os quais não devem ser reduzidos, justamente, à compreensão literal da informação ou sua acumulação sîgnica meramente quantitativa. Além do risco de depreciação do corpo docente e de eliminação ou marginalização de certas atividades sociais não conformes ao discurso instrumentalista, pode-se observar que este tipo de concepção limitada da convergência dos meios de comunicação pode resultar no empobrecimento das próprias interações interpessoais e, por outro lado, provocar dificuldades psicopedagógicas devidas à sobrecarga cognitiva e ao abalo dos referenciais funcionais sofrido tanto pelo “*aprendendo*” como pelo formador.

Uma nova economia sémio-cognitiva

No campo específico da pesquisa, essa nova configuração cognitiva corresponde a uma abordagem peculiar da correlação entre linguagem e modos de pensar. É verdade que o processo de convergência dos meios de comunicação se encontra num estágio ainda embrionário, mas há de admitir desde já que, além de sua vocação “natural” de suporte absoluto da pesquisa em mídia audiovisual (devido ao fato “*ecrânico*” unificador do espaço signficante), seus instrumentos representam, com certeza, uma nova forma

psicotecnológica para a apreensão do real e seus desdobramentos técnicos. Portanto, há de esperar que à medida que a prática científica e o desenvolvimento desses instrumentos convergem rumo a um uso ao mesmo tempo mais ágil e mais apropriado, novas possibilidades de compreensão (mnésicas notadamente) do fenômeno midiático serão exploradas.

Assim, cada novo passo no sentido da convergência dos meios de comunicação, como é o caso com a integração das gravações analógicas no universo digital, constitui um aprofundamento na transformação das condições de recepção; desestruturando o fluxo linear tradicional, subvertendo os famosos efeitos de realidade e aproximando a narrativa audiovisual da dinâmica reflexiva da escrita ensaística. Com a melhoria das técnicas de “*discretização*” digital (a possibilidade de acrescentar dados descritivos e analíticos relativos à informação veiculada), principalmente, os documentos audiovisuais passam a oferecer novas possibilidades de organização, articulação e navegação. Seus componentes formais como movimentos de câmera, fala, música, etiquetagem dos locutores, conteúdo específico, profundidade de campo, assinatura de imagens, etc... ficam instantaneamente acessíveis tanto ao pesquisador como ao espectador comum.

Assim, a relação mantida pelo usuário desses instrumentos com o audiovisual se encontra bastante próxima da relação do letrado com o texto⁷. Nossa apreensão do audiovisual era, até então, semelhante a nossa percepção do fluxo da fala na sua dimensão temporal; enquanto a digitalização e as novas tecnologias contribuem a espacializar e “*discretizar*” os objetos audiovisuais temporais, exatamente como a escrita espacializa e “*discretiza*” a fala.

O que significa, paralelamente, que se nenhuma linguagem é neutra, o uso da multimídia deve, fatalmente, implicar novos modos de dizer que não deixarão de alterar os processos tradicionais de produção de sentido. Assim, em função mesmo da complexidade da nova ecologia cognitiva produzida pela multimídia, faz-se urgente a elaboração de uma nova semiologia, que não seria mais do signo, mas sim do hiper- ou multi-signo. Para este fazer, todavia, é necessário, primeiro, considerar o ambiente “*ecrânico*” enquanto novo espaço hegemônico de significação e a escrita “*ecrânica*” como uma nova fase histórica do escrito que exige competências inéditas de escrita e de leitura, inscritas num verdadeiro pensamento “*ecrânico*” habilitado a decodificar adequadamente a sintaxe e a semântica multimídia.

A análise da escrita “*ecrânica*”, explicam Y. Jeanneret e E. Souchier⁸, requer ao mesmo tempo uma descrição precisa da materialidade dos dispositivos técnicos, uma reflexão profunda sobre a nova economia dos signos (escrita, imagem e som), como também uma colocação em perspectiva dos processos sociais de apropriação,

interpretação e reescrita que organizam essa nova economia semiológica. Os autores alertam, por outro lado, que sem uma análise crítica, os novos dispositivos de escrita produzirão uma ilusão de liberdade, devido à dinâmica dos documentos que dá uma aparência de transparência: fascinado pela técnica, o usuário corre o risco de ser cegado pelos jogos de escrita e nem buscar captar seu sentido intencional.

O aspecto interativo da nova mídia, por exemplo, não deve ser entendido como um simples processo sistêmico ou ergonômico, mas antes enquanto ato subjetivo e significante que deve ser situado no seu contexto social, histórico e cultural e analisado nas suas dimensões sociológica, semiológica e filosófica. Igualmente, o que é freqüentemente definido como uma especificidade imaterial do texto multimídia (no sentido amplo) deve ser entendida, na verdade, como uma realidade temporal, já que a tela só existe pelo tempo e pelo movimento. O que dá uma idéia bastante clara sobre as transformações paradigmáticas causadas pela escrita informática e nossos modos de percepção e apreensão da realidade “*ecrânica*” e todas as estruturas simbólicas que a acompanham.

Assim, em vez de se deixar seduzir pelas terminologias da moda, cuja eficiência retórica é proporcional à sua ambigüidade conceitual, o pesquisador em ciências sociais deve se conscientizar do valor semântico e ideológico dos instrumentos virtuais postos à sua disposição. De fato, longe de serem neutros, esses objetos semióticos devem ser percebidos à luz de um conjunto de fatores: o modo de concepção do texto, as modalidades de organização dos signos na tela, as condições sociais de escrita e de leitura desses signos e as possibilidades de sua interpretação em função de um momento histórico dado e um espaço social, econômico e cultural determinado.

O que quer dizer que, ao contrário do senso comum pós-moderno, a multimídia não é uma deflagração total do sentido, mas antes, um processo de sua reorganização de acordo com princípios semânticos, lógicos e hermenêuticos frutos da visão tecnocomputacional do mundo, diretamente ditada pelos programadores-conceptores. Localizados no princípio e no comando do ato da escrita computacional, os “*mestres do arquiteyto*” detêm um poder considerável sobre a produção do texto e, portanto, do próprio sentido de sua interpretação. De fato, como o lembra Georges Perec no seu clássico romance hipertextual “*La vie mode d’emploi*”⁹, “*Chaque geste que fait le poseur de puzzle, le faiseur de puzzle l’a fait avant lui*”. Sendo o trabalho de desconstrução / reconstrução do texto necessário para a recepção / produção do sentido e o acesso à estrutura semântica do texto ou o objeto multimídia sistematicamente enquadrados num arquiteyto, cuja forma é ela mesma marcada por uma cultura e uma ideologia textual.

Aspectos tecnológicos e organizacionais

O uso das tecnologias tradicionais de comunicação (principalmente TV, cinema e vídeo) nas pesquisas em ciências sociais tem levantado, desde sempre, interrogações de ordem tanto epistemológica e metodológica como prática e organizacional. Além do problema do valor científico dos documentos utilizados ou realizados e da dificuldade de sua exploração, este tipo de aparelhagem e a linguagem que lhe é associada sofrem também de restrições de natureza financeira e corporativa. Assim, se a convergência não é uma panacéia para todos os males das ciências sociais, ela pode não obstante ajudar a tornar o material elaborado mais acessível e mais operacional. Por outro lado, no campo do ensino, mesmo se ela não pode cumprir por si só a função educativa, não há como discordar que num contexto acadêmico integrado, suas ferramentas podem representar um auxílio valioso não apenas para liberar o professor das tarefas automáticas e repetitivas, mas também para amortecer a passagem para a alfabetização digital e o domínio dos novos meios de produção de sentido impostos pela nova ecologia cognitiva.

Mesmo nesse nível bastante elementar (seu grau zero de certo modo), a convergência pode ser de uma grande utilidade no sentido de colocar a informação à disposição do pesquisador, do formador, do mediador e do “*aprendendo*”. É todo o aspecto descritivo, estatístico, taxonômico do conhecimento a ser explorado, analisado, comentado e posto a serviço de projetos de pesquisa mais complexos. Os exemplos deste tipo de uso são numerosos e vão desde os bancos de dados, de conhecimento e sistemas peritos até a arqueologia, a museologia e outros colecionismos, principalmente de natureza icônica ou iconográfica como a filatelia, a numismática, etc... Num plano mais elaborado, e para contornar as limitações materiais das quais sofre a maioria das instituições de pesquisa nestes tempos de supremacia absoluta da lógica mercadológica, a convergência pode ser de uma ajuda realmente inestimável para a divulgação da pesquisa científica e a comunicação entre profissionais e especialistas do mundo todo.

Revistas científicas, listas de discussão ou *newsletters on- ou off-line*, causas científicas que não atraem o entusiasmo institucional ou projetos ousados demais para merecer uma rubrica respeitável nos orçamentos universitários... podem encontrar na convergência dos meios de comunicação uma verdadeira tábua de salvação, graças à sua universalidade, seus custos baixos e sua fácil adaptabilidade. Até mesmo os dispositivos computacionais mais comuns hoje, como os motores de busca, fóruns e salas de *chat*, podem na verdade, contribuir para o avanço e a consolidação de um número razoável de linhas de pesquisa que não gozam dos favores do “*ibope*”; o que,

todavia, não quer dizer que a multimídia e o sucesso comercial sejam necessariamente incompatíveis - bem pelo contrário!

Ao aproveitar os efeitos cada vez mais vantajosos da multimídia sobre o mercado cultural, em pouco tempo, a edição eletrônica conseguiu se impor como uma verdadeira indústria. Tendo sabido explorar amplamente as capacidades cada vez mais crescentes das novas tecnologias (interatividade, navegação hipertextual, segmentação da informação em função das diferentes categorias de usuários), o novo ramo editorial oferece hoje um leque considerável de coleções e, principalmente, é portador de um potencial bastante promissor. O problema que se põe, porém, é o da massa crítica indispensável para a sobrevivência econômica de qualquer atividade social moderna. Ou seja, para poder se tornar uma realidade econômica durável, o mercado editorial eletrônico é condenado a assumir sua condição global e ter como alvo necessariamente o grande público.

Esses constrangimentos organizacionais, como se pode esperar, acabam determinando em grande parte a escolha das questões abordadas, sua forma e seu conteúdo. Não é por acaso que os temas de predileção da edição eletrônica sejam relativamente limitados e fortemente impregnados pelo discurso da diversidade, no intuito de conciliar afinidades culturais, sensibilidades geoestratégicas locais e mercados mundiais. É que, na medida que os assuntos tratados devem estar em adequação com o universo de referência do usuário e considerar seu fundo cultural, mesmo se a interatividade e os dispositivos hipertextuais permitam oferecer complementos de informação sob demanda, a escolha destas informações é bastante delicada quando se objetiva um público heterogêneo por sua cultura, sua língua e sua formação histórica.

Existe, por outro lado, um condicionamento recíproco entre os produtos a serem consumidos e os padrões informáticos propostos. O sucesso tanto dos aplicativos como dos sistemas e softwares usados (a sua aceitação ou rejeição pelo público consumidor) é proporcional ao grau de sua compatibilidade. A tomada de consciência desta dura realidade da tecnologia representa um profundo desencanto para o pesquisador em ciências sociais seduzido pelo (en)canto das formas eletrônicas de expressão. Depois do prazer (quase sensual) de palpar novas possibilidades sensoriais de produção de sentido e a alegria de descobrir que ao manipular concretamente o continente reformula-se o próprio conteúdo, ele acaba se dando conta que seu empreendimento não é tão autônomo quanto parece, já que depende de limitações materiais (especialmente financeiras) e tem de compor com os verdadeiros detentores do *know-how* e do segredo da programação: os programadores; o clero da Sociedade de Informação!

Ao evocar estes aspectos de ordem tecno-organizacional da questão, não se pode ignorar que se trata, na verdade, do próprio devir evolutivo deste conjunto de aplicativos e dispositivos computacionais agrupados sob a noção genérica de multimídia ou mídia convergente. Primeiro, há de lembrar que a própria idéia de multimídia, em sua acepção original, se referia à possibilidade de “acessar qualquer tipo de informação (escrita, sonora ou visual), a qualquer momento e com qualquer suporte (televisor, microcomputador, comunicador pessoal)”¹⁰; ou seja, o mesmo conceito tecnológico conhecido hoje como “convergência”¹¹ que objetiva a inclusão de todos os meios de comunicação existentes no mesmo mono-suporte total e universal – levantando a questão de saber se ainda se pode apostar em meios de comunicação isolados.

A novidade, com efeito, está muito menos nos suportes que compõem a mídia convergente de que no modo de sua convergência. Ghislaine Azémard¹² adverte, todavia, que existe o risco de assistir a um vai-e-vem entre o universo de PC e o universo TV, escondendo uma fuga para a frente tecnológica que, intrinsecamente, deveria atuar a favor da qualidade, mas que acaba servindo à concentração de recursos em torno de alguns títulos; contribuindo para a transferência da mais valia do conteúdo para o suporte e reforçando o espectro do monopólio.

Em todos os casos, a Internet se impõe, hoje, como uma ferramenta de pesquisa e ensino – senão um vetor de sociabilidade incontornável. Sua integração no ambiente acadêmico enquanto *modus vivendi* vem se impondo a cada dia como uma realidade social que transcende os debates pedagógicos ou filosóficos, apesar das insuficiências e dos abusos que conhecemos. A realidade parece mais com uma nova forma de *phémé*, rumor sem face, do que um degrau rumo ao ideal da biblioteca babélica para superar os obstáculos organizacionais, legais, éticos e psicológicos que dificultam sua construção. Como evitar, então, a cacofonia, a síndrome do *big brother*, a incerteza das fontes, o plágio generalizado e a dificuldade de produção de uma subjetividade singular se o “*I think then I am*” cede cada vez mais o terreno para um vaporoso “*I link then I am*”?

Assistimos, assim, a um processo contínuo de virtualização das relações sociais mais íntimas como a amizade ou o erotismo, reduzindo a enunciação da identidade e a produção da subjetividade a um vulgar exercício de clonagem afetiva de natureza onânica. A construção do eu, como se pode constatar, torna-se um jogo ambivalente de combinação de *looks*: uma personalidade para cada estação ou cada composição vestimentar. Ora, colagens, performances e “superposição de diferentes mundos ontológicos” são, sintomaticamente, as principais características da cena cultural e artística pós-moderna; o que implica certa diluição tanto do objeto como do sujeito social, e uma perda de suas perenidade e unicidade. Ao mesmo tempo em que o quadro

tradicional de tela desaparece e os textos sociais se tornam mais interativos e indefinidos, da nova relação entre autor, ator e espectadora, emerge a figura inédita do “*expect-actor*” - ator/autor em expectativa!...

Convergência e globalização

Para uma compreensão abrangente do fenômeno em curso, todavia, é preciso também situar a nossa reflexão no quadro sócio-organizacional geral que a subtende. De fato, não há como ignorar que a conjugação da dinâmica da globalização ao seu correlato tecno-organizacional, cristalizado no processo de convergência dos meios de comunicação, é portadora de um profundo potencial transformador de todas as condições existenciais da vida contemporânea. Os desdobramentos da nova configuração tecnológica transbordam seus limites técnicos para cobrir a totalidade do aparato social e simbólico da atualidade, desde nossos modos de relacionamento, de produção e de representação política até o significado da cultura, da comunicação e da aprendizagem.

As mutações, em gestação ou já materializadas, com certeza não vão poupar nenhum segmento das estruturas organizacionais contemporâneas, seja na maneira de ordenar nossos lares e nossos círculos afetivos ou nossas instituições e nossos equipamentos simbólicos coletivos. O que, obviamente, exige ações específicas e estratégias globais de adaptação à nova realidade e de seu redirecionamento em favor da comunidade, em conformidade com seu projeto sócio-político e suas prioridades institucionalizadas. A postura a ser adotada deve englobar medidas de ordem tanto jurídica e política como econômica e social; delimitando as esferas privada e pública no campo das comunicações, redistribuindo as prerrogativas e obrigações do poder público e da sociedade civil, dotando as instâncias de afirmação e de preservação das estruturas comunitárias de poderes políticos e materiais efetivos, e, no caso específico que nos interessa, orientando a pesquisa científica para a exploração de todos os aspectos do fenômeno no afã de seu domínio e sua instrumentalização.

A sociedade deve aproveitar o caráter indefinido dessas transformações tecnológicas e organizacionais para melhor se integrar no mundo global, não como simples consumidor passivo e resignado, mas como parceiro respeitado, agente, autor e ator atuante. A natureza dinâmica das atuais plataformas sócio-organizacionais oferece, com efeito, uma oportunidade histórica aos países do Sul de ocuparem um lugar de destaque no concerto das nações, mas também grandes desafios para não se deixar, mais uma vez, esmagar pelas manobras avassaladoras do Centro. O papel do Estado e da sociedade civil (encabeçada pela Universidade), neste contexto de transição, é fazer

das mudanças um fator de desenvolvimento e de crescimento; não apenas no sentido puramente econômico e material, mas sim (e principalmente) de diversificação das opções de expressão e de cultivo de uma identidade cultural plural e específica, forjada na diferenciação e na singularização locais e no enraizamento regional.

Se a conjugação da dinâmica da convergência ao processo de globalização está gerando novas possibilidades de articulação do local, regional e nacional ao internacional, mundial e global, as estruturas materiais e simbólicas disponibilizadas pelo processo podem tanto favorecer a eclosão de potencialidades e competências ilimitadas como inibir a riqueza do original sem chegar a alcançar o universal. As demandas inéditas de serviços e conteúdos na área das novas tecnologias de comunicação e da indústria cultural, por exemplo, constituem novas oportunidades de ter, literalmente, voz e vez no processo de negociação do lugar do local no global, possibilitando uma inscrição na globalização a partir de um movimento de surgimento de dentro, e não como força de opressão imposta de fora.

Porém, para poder concorrer neste novo quadro político e econômico global (já que o mundo das comunicações ignora particularmente as fronteiras nacionais), é preciso mais do que nunca capacitar o cidadão, o consumidor, o empresário, o executivo e o trabalhador. O Estado e a Sociedade devem assegurar a todos os segmentos sociais a possibilidade de acompanhar as mudanças em curso para não se deixar ultrapassar e dominar; através da educação, a alfabetização digital crítica e o incentivo à pesquisa, notadamente. Por outro lado, devem-se elaborar quadros jurídicos e sociais específicos para preservar os interesses das categorias mais vulneráveis da sociedade.

Doravante, a preparação das energias criativas pela educação voltada aos valores específicos, qualificação profissional e pesquisa científica torna-se uma condição de sobrevivência no novo ambiente cognitivo. Com efeito, ao mesmo tempo em que as novas tecnologias de comunicação constituem um desafio aos setores e às regiões menos preparadas para acompanhar as mudanças tecnológicas e sociais em curso, elas permitem às entidades criativas o bastante (sejam elas empresas ou instituições sociais) alcançar e relacionar-se com inúmeras esferas organizacionais correspondentes a seus interesses (mercados ou outras instituições) em nível regional ou mundial, independentemente de seu tamanho ou de suas capacidades materiais.

Dentre outras implicações seguramente positivas desses desenvolvimentos, podemos destacar a possibilidade oferecida à sociedade civil e aos grupos específicos de organizarem-se em torno dos novos equipamentos coletivos simbólicos. Além de usos específicos especializados como a educação, a telemedicina, a justiça e a pesquisa científica, os quadros corporativos, associativos e comunitários (cujo objetivo não é o de alcançar o grande público, mas sim de estabelecer canais de comunicação, estruturas

organizacionais mais ágeis, integração de ações locais num contexto regional, supranacional ou global, mobilizar a opinião pública nacional ou internacional, etc..) serão, provavelmente, especialmente beneficiados pela nova configuração tecno-sócio-organizacional. Neste sentido, o uso das novas tecnologias de comunicação na sociedade global pode ter uma função de apoio ao esforço das comunidades ou dos grupos particulares de se inserirem num contexto social favorável à eclosão das energias, potencialidades e competências.

Na verdade, já estamos assistindo a uma tendência mundial de reorganização do campo da comunicação em torno de pólos comunitários, resultando na divisão da sociedade em grupos de afinidades ou de interesses regionais ou transnacionais. Trata-se, com certeza, de táticas pós-modernas de resistência aos processos hegemônicos inerentes à globalização, de libertação de sistemas locais de opressão ou de reterritorialização de subjetividades despojadas. São estratégias plenamente válidas de trilhamento de novas linhas de fuga no caótico ambiente social - existencial que caracteriza a nossa época atual; porém, as conseqüências sociais e políticas dessa tendência em longo prazo podem não corresponder exatamente às expectativas iniciais.

As novas tecnologias de comunicação, por exemplo, agem diretamente no sentido da escamoteação das fronteiras nacionais e a fragmentação de seus marcos identitários no calidoscópico imaginário global. O que só pode enfraquecer mais ainda os já bastante débeis conceitos de integridade territorial e de soberania nacional, levando ao fracasso o modelo estatal enquanto instância de produção de discursos e símbolos culturais coletivos. Ora, a falência do Estado no seu papel de cristalização da identidade do grupo e de gestão do imaginário coletivo significa, fatalmente, a exacerbação das especificidades locais e regionais em detrimento do ideal clássico de unidade nacional. São mudanças que prefiguram a segmentação total dos públicos e põem em xeque a própria idéia de audiência na acepção fordista de comunicação de massa.

Assim, a mídia convergente, por sua capacidade extraordinária de otimização espectral, pode ter alguns efeitos a caráter francamente perverso sobre a tradicional natureza política dos meios de comunicação. O que, de fato, esvaziaria de sua força política a visibilidade midiática e saturaria o próprio significado da liberdade de expressão, conforme o princípio *tautístico* de Lucien Sfezs¹³. Debates sensíveis como o da "reforma hertziana", por exemplo, se tornariam praticamente caducos, já que, virtualmente, não existirá mais limite de volumes de difusão ou limitações materiais para elaborar a sua própria mídia; mas, sim, uma crescente carência de receptividade e de atitude dialógica.

É a face negativa da inevitável superexposição decorrente da excessiva acessibilidade aos meios de comunicação, possibilitada pelas novas tecnologias; uma vez que o

próprio conceito de comunicação de massa corre o risco de ser atrofiado à sua função fática e se tornar socialmente inoperante. Portanto, no contexto da configuração tecno-organizacional atual, fruto da ecologia cognitiva inédita em auto-estruturação, há de se examinar as relações de poder e de dominação em termos igualmente novos e inovadores. Categorias analíticas antigas como “mídia-esfera-pública” ou “mídia-aparelho-ideológico” devem ser redimensionadas à luz de uma abordagem atenta às instâncias de produção de sentido numa perspectiva metalingüística e discursiva geral: domina quem produz não apenas os discursos hegemônicos, mas antes a própria ferramenta epistemológica, as próprias categorias de análise e os paradigmas a serem usados.

NOTAS:

¹ GLOWCZEWSKI, Barbara. *Du rêve à la loi chez les aborigènes*. Paris: PUF, 1991.

² KERCKHOVE, Derrick de. *A pele da cultura*. Lisboa: Relógio D'água, 1995.

³ Coordenadora de pesquisa multimídia no Instituto Agrônômico Mediterrâneo - França. Realizou, dentre outros, um CD-ROM de referência sobre agricultura e segurança alimentar na região mediterrânea.

⁴ MIGNOT-LEFEBVRE, Yvonne (In Xoana). *Multimédias en recherche*. Paris: JMP, 1999; p. 37.

⁵ PAQUELIN, Didier. *Ibidem*; p. 128.

⁶ LEFEBVRE, Michel. *Ibidem*; p. 134.

⁷ LEMARCHAND, Xavier. *Ibidem*; p. 116.

⁸ Communication et Langages, no. 107. *L'écrit d'écran, pratiques d'écriture et informatique*. 1996

⁹ Hachette, 1978

¹⁰ Cf. Enciclopédia Universalis.

¹¹ LACROIX, Jean-Guy; TREMBLAY, Gaëtan. (Dir.). *Les autoroutes de l'information, un produit de la convergence*. Québec: PUQ, 1995.

¹² *Ibidem* nota 7; p. 161.

¹³ SFEZ, Lucien. *Critique de la Communication*. Paris: Seuil, 1988.

Referências Bibliográficas

CARON, André; JUNEAU, Pierre. *Le défi des télévisions nationales à l'ère de la mondialisation*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 1992.

EGAN, Bruce L. *Information superhighways: the economics of advanced public communication networks*. Boston: Artech House, 1991.

GLOWCZEWSKI, Barbara. *Du rêve à la loi chez les aborigènes*. Paris: PUF, 1991.

KERCKHOVE, Derrick de. *A pele da cultura*. Lisboa: Relógio D'água, 1995.

LA BAUME, R.; BERTOIS, J. *Les nouveaux maitres du monde*. Paris: Belfond, 1995.

-
- LACROIX, Jean-Guy; TREMBLAY, Gaëtan. (Dir.). *Les autoroutes de l'information, un produit de la convergence*. Québec: Presses de l'Université du Québec, 1995.
- MEYROWITZ, Joshua. *No sense on place: the impact of electronic media on social behavior*. New York: Oxford University Press, 1985.
- MORAES, D. de (Org.). *Globalização, Mídia e Cultura Contemporânea*. Campo Grande: Letra Livre, 1997.
- RAMONET, I.; HALIMI, S. et al. *Médias et contrôle des esprits*. Paris: Manière de Voir, n° 27, 1995.
- RAMONET, Ignácio et al. *Les nouveaux maître du monde*. Paris: Manière de Voir n°28, 1995.
- ROBIN, Jacques. Les dangers d'une société de l'information planétaire. *Le Monde Diplomatique*, février 1995.
- SFEZ, Lucien. *Critique de la Communication*. Paris: Seuil, 1988.
- TOFFLER, Alvin. *La 3ème vague*. Paris: Fayard, 1995.
- TORRES, Asdrad; SCHILLER, Herbert. Les empires multimédias en quête de nouveaux marchés. *Le Monde Diplomatique*, mars 1994.
- TORRES, Asdrad. Qui tirera profit des autoroutes de l'information?. *Le Monde Diplomatique*, novembre 1994.